



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

AZIZ AB´SABER

Hoje, 18 de fevereiro de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do professor, geógrafo e pesquisador Aziz Nacib Ab´Saber para o projeto de Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa: Professor, boa noite.

Aziz Nacib Ab´Saber: Boa noite.

AE: Eu gostaria de iniciar este depoimento solicitando que o senhor nos contasse um pouquinho da sua origem familiar, a cidade onde o senhor nasceu, as escolas onde estudou...

AA: Não gosto muito de me repetir, mas vou dizer alguma coisa sobre a minha própria pessoa. O meu pai veio do Líbano de uma região bem conhecida hoje, que é o Vale do Bekaa, onde a sua família vivia em uma pequena propriedade rural, com vários filhos e com algumas dificuldades de sobrevivência, porque o terreno pertencia a alguém que morava em Beirute e eles eram apenas pessoas que estavam fazendo atividades rurais a serviço de terceiros.

Meu pai, desde pequeno, gostava muito de viajar, ele se deslocava da cidadezinha – devo dizer que não falo nenhum nome em árabe, não tenho conhecimento da língua árabe – mas meu pai saía de Kafara Homei e ia para Zahle, que é uma cidade turística importantíssima e que encantou a pessoa do pequeno Nacib. E de Zahlé ele transpôs o Monte Líbano, numa região que tem transposição mais fácil, e foi para Beirute e de forma que essa foi a atividade do meu pai, saindo de sua família para conhecer o mundo. Parece um pouco comigo nesse ponto, parece que eu herdei isso, dentro do meu país, eu quis visitar tudo o que pude.

Quando eu quero falar alguma coisa de mim eu começo pelo meu pai... Ele, em Beirute, ficou na porta do mercadão, magnífico mercadão do passado, que hoje foi destruído totalmente por terrorismo e outras coisas mais. E lá ele aprendeu um mundo de coisas, inclusive a escrever, ler e falar com terceiros etc. porque, na porta do mercadão, naquela época, ficavam os beduínos: muito inteligentes, muito quietos, mas muito intelectualizados dentro da cultura deles. E tudo isso foi transmitido a meu pai, então ele aprendeu a ler, aprendeu a escrever, aprendeu a fazer esgrima árabe. E, quando ele atingiu 15 anos, a minha avó resolveu pedir a ele que viesse ao Brasil para buscar o seu pai, que era o meu avô. Então comprou lá uma passagem. Havia uma rota de Beirute, Egito, França, Brasil, mas como eles compraram uma passagem em navio italiano, então a rota ficou: Beirute, Alexandria, Gênova, Gibraltar e depois Rio de Janeiro. O Nacibinho então veio para o Brasil com a missão de levar o seu próprio pai para o Líbano, porque a minha avó pensava que o marido dela estava ficando demais no Brasil e que ele gostasse de alguma brasileira bonita e não voltasse mais.

Então essa é a historinha da vida do meu pai. Ele chegou ao Rio de Janeiro... Eu costumo contar o que ele me contava nas noites de menino. Dizia: “Cheguei ao Rio, no navio tinha muitos amigos, muitos colegas, e trabalhava de mil coisas para ganhar um dinheirinho: cortava cabelo, engraxava sapato, dava recados, e, quando cheguei na Praça da Alfândega no Rio de Janeiro, cada qual foi para um lado e eu fiquei sozinho a ver navios e aí comecei a dar uma voltinha pelo quarteirão” – sempre a gente faz isso, porque não conhece a cidade, não sabia falar português, ainda não tinha trocado dinheiro para poder comprar qualquer coisa para comer e procurando alguém que tivesse os olhos de árabe. E não é que ele encontrou uma árabe! Eu costumo dizer que isso é perigoso na minha história porque ele conseguiu



achar um árabe que informou tudo o que ele precisava. Deu uma risadinha e daí: “Eu falo árabe, você quer ir para São Luiz do Paraitinga? Tem que ir para Taubaté e então é de trem, você pega essa rua, quando tiver outra transversal você quebra à esquerda, chega lá na bilheteria. Você troca um dinheirinho aqui, chega na bilheteria, dá um dinheirinho e diz ‘Taubaté’. Os bilheteiros não gostam que se fale muito, de forma que eles vão entender e você recebe o bilhete e vai para Taubaté.” E assim se fez. Chegou em Taubaté, a mesma coisa. A estação estava bem longe do centro histórico de Taubaté e ele começou a dar volta, volta para poder achar alguém para explicar a ele em português.

Não é o caso eu estar contando a você que na viagem do Rio para Taubaté, ele totalmente sem se alimentar, teve algumas peripécias, chegou para o chefe do trem, deu um dinheirinho e o chefe do trem disse: “Ah, muito obrigado”, e guardou o dinheirinho e ele continuou com fome. Então isso é um pouco dos detalhes da vinda de uma pessoa de outras terras e de outras culturas em contato com um país totalmente diferente, um país tropical, e que estava começando a ter estradas de ferro. Fazia pouco tempo que a Central do Brasil tinha sido construída – isso foi em 1911, que ele chegou ao Rio. A partir de Taubaté, dos arredores da estação ele achou outra árabe e a moça disse: “Não tem problema, você pega essa rua que está sendo construída, cheia de pequenas palmeiras” – chama-se Rua das Palmeiras, mesmo hoje – “e segue até o fim e passa em frente à Igreja Matriz e passa sempre na mesma direção por uma pracinha, vai por uma rua estreita e lá embaixo perto do mercado você vai encontrar muitos árabes que têm lojas de fazendas e armários”. E assim ele fez. Chegou lá, foi tudo mais fácil, eles conseguiram explicar a ele que parava na porta do mercado um conjunto de tropas. Então foram lá, contrataram a tropa, só que ela ia sair às quatro horas da madrugada, noite fechada, e ele teve que dormir na calçada, esperando para sair com os tropeiros. E aí outras peripécias que eu não vou contar.

Enfim, chegou a São Luiz do Paraitinga e se apresentou ao irmão dele que já estava lá, mas não disse que era o Nacibinho, irmão do Nagib, e teve outras peripécias: “Eu estou aqui porque queria pôr uma lojinha igual a sua, você me explica alguma coisa?”. O Nagib deu um murro na mesa: “Você quer vim aqui para competir comigo?”, daí ele se apresentou como irmão e no outro dia o Nagib levou ele até a roça onde o meu avô estava com uma pequena casa de “secos e



molhados”. Naquele tempo se diferenciava: “fazenda” e “armarinhos” eram lojas e “secos e molhados” era um armazém que tinha um pouco de tudo; alimentos e outras coisas mais. Aí meu avô vendeu tudo que tinha e entendeu que precisava voltar para a família, e os dois voltaram pelo mesmo caminho, até Taubaté e depois até o Rio. E agora o meu avô já falava bem o português, entendia bem razoavelmente, entendia as coisas e podia entrar em bar e comprar comida etc. E assim eles voltaram. Mas a vida do migrante é complicada: meu pai passou a ser o pequeno herói da família porque tinha conseguido levar o seu pai para a família. Com isso a minha avó precisava muito dele.

Quando eles iam a Beirute desde a roça, passando por Zahale, subindo o Monte Líbano, descendo para a beira do mar, na proximidade do grande mercado, ela pedia a ele para ir com ela levando as bolsas para comprar as coisas que não existiam lá na Kafara Homei e um dia, quando eles chegaram na porta do mercado, tinham uns terroristas drusos. Hoje drusos não tem nada a ver com terrorismo, mas naquela época tinham alguns emergentes criminosos dos drusos. Então colocaram um revólver na frente do pequeno Nacib, 16 anos nessa época, e perguntaram: “É um cristão que morre?”. Então essa fala mostra a dificuldade que já existia entre maronitas, cristãos, portanto, apostólicos romanos, de “som marrom” e os emergentes criminosos do fundamentalismo, uma coisa que até hoje existe dentro do Líbano, tanto que o governo do Líbano até hoje precisa ter representantes das duas áreas religiosas, dos dois conjuntos de religiões diferenciadas entre si.

Bom, aí minha avó disse: “Vai embora para o Brasil. Falam tão bem desse país que seria melhor para você ficar lá, porque aqui não é lugar para você.” E foi assim que ele veio e dessa vez veio por Santos. De Santos ele foi até Sorocaba e até Votorantim, onde a Light estava construindo aquela represa da Serra de São Francisco, muito bonita que tem no alto de um cânion, fazendo um reservatório suspenso lá, esses mesmos reservatórios que hoje pertencem aos “José Ermírio de Moraes”. O Delfim deu um jeito de que eles pudessem comprar, apesar de que um ano depois iria ser devolvido tudo pela Light ao Brasil. Bom, mas o meu tio Nagib estava lá. Saiu de São Luiz, foi encontrar emprego em São Paulo e o único emprego que ele achou foi para ajudar a construir a represa, carregando blocos de pedra e com isso teve um problema no rim fantástico. Meu pai chegou lá e percebeu que ele estava morrendo devido ao rim, aí vieram para São Paulo.



Quase sempre os libaneses, quando vinham para São Paulo - e por muito tempo aconteceu isso - eles iam para o bairro do Tatuapé, que era uma periferia de São Paulo naquela época, 1913 mais ou menos. Lá o Nagib ficou em uma pensão e meu pai foi trabalhar na Rua do Gasômetro no que ele sabia, no que ele aprendeu lá no mercadão de Beirute: aprendeu marcenaria e outras coisas mais, e ganhava a vida para ajudar também o irmão a sobreviver. Depois conseguiram ir a um hospital do Brás e o pessoal ficou com muito dó, muita piedade do Nagib e fizeram a operação. Naquele tempo não tinham remédio nenhum para o rim, então tiraram um dos rins e o Nagib ficou a vida inteira andando muito quieto, com medo que o outro rim também fenecesse. Então essa é a história.

Agora a segunda história é o retorno do Nacibinho para São Luiz do Paraitinga. Ele fez algumas experiências em Caçapava na construção de telhados de um quartel, ainda muito moço. Tinha um retrato dele lá em cima no meio das esquadrias, construindo o teto do quartel de Caçapava. E dali ele voltou para São Luiz e começou a mascatear. Eles percebiam naquela época que tinha uma certa vantagem mercadológica simples: levando para as fazendas antigas e roças onde tinham famílias grandes, homens, mulheres, crianças; levando tudo aquilo que não existia nas roças ou nos armazéns de secos e molhados. Eram fitas, pulseiras, pequenos pentes e outras coisas mais; e fitas e fazenda de seda para vestidos, e aquilo encantava as pessoas, sobretudo as mulheres. E foi lá que o Nacib acabou encontrando a Dona Juventina, minha querida mãe, que já morreu há anos, e casou-se com ela. Disso é que começa a vida da família. A primeira filha morreu. Minha mãe era muito simplória. Com poucos meses que a menina tinha, ela foi até Aparecida do Norte. O âmbito geográfico do conhecimento era de São Luiz a Taubaté, de Taubaté a Aparecida do Norte e Guaratinguetá. Tinha um bonde elétrico circulando para ligar as duas cidades. E a menina teve um problema muito sério porque era muito pequenina e houve uns descuidos que representam o pouco conhecimento que a minha mãe possuía de coisas da vida. E depois nasce eu, nasce o Yussef, o Luís. Depois mudamos para Caçapava e nasceu a Nazira, a Nídia, a Neide e o Jorge. O Yussef, o Luís e a Nazira já morreram. Então hoje a minha família se reduz à Nídia, à Neide, ao Jorge e eu próprio. Os Ab'Sabers constituíam uma família muito pequena no próprio Líbano então nós não temos muitos parentes no Brasil. Em Minas Gerais existiam alguns Ab'Sabers que deviam



ser primos do meu pai, então havia só algumas pessoas em Minas e em São Paulo a partir de São Luiz e de Caçapava, onde estava o Seu Nacib.

Devo dizer a você que meu pai ficou seis anos em São Luiz e depois de mascatear, casar-se etc., ele fundou uma lojinha na porta do mercado, na esquina da rua do mercado e ali ele trabalhou durante anos e anos. E quando nós tínhamos seis anos - eu tinha seis anos, meus irmãos quatro e três - ele resolve mudar para Caçapava porque para ele vir comprar coisas aqui em São Paulo, na Rua 25 de Março e outras era muito difícil. Então ele tinha que ir a Taubaté com uma tropa e depois de lá de trem chegar a São Paulo, então ele preferiu uma cidade que já tinha trens, como era Caçapava, além do que, tinham alguns parentes distantes dele lá, alguns primos distantes. E o próprio irmão - esse que teve problemas muitos sérios no rim - já estava morando em Caçapava. E foi para lá. Mas na última semana antes de transferir-se para Caçapava, meu pai resolveu mostrar o mar para a minha mãe. Então ele saiu com um fazendeiro que freqüentava a loja dele e era muito amigo, saiu de São Luiz para Ubatuba para mostrar o mar para minha mãe. Afinal, ele tinha vindo... atravessou o Atlântico três vezes: duas de viagem de Beirute ao Brasil e a volta, depois a outra viagem para vir definitivamente e ele queria que a minha mãe conhecesse o mar. Meu pai era um pouco poeta introvertido, muito simplório, falava pouco e tinha adoração pelos filhos.

No momento em que às vezes eu fico meio tristonho, eu fico escrevendo alguns poematos muito simplórios sobre os acontecimentos da minha infância, na época em que eu estava em São Luiz. Eu tenho uma memória um pouco televisiva, de forma que é possível lembrar de pequenos fatos em relação ao meu pai, fatos curiosos da cidade de São Luiz. Por exemplo, o dia que chegou em São Luiz o cinema, então puseram uma toalha branca na porta do mercado, muito perto da nossa casa, e à noitinha começaram a apresentar um cinema com *cowboys*. O povo todo que estava ali na porta ficava admirado de ver aquelas cenas que eles nunca tinham conhecido e de repente um gritava: "Olha, o homem está atrás da árvore!". Enfim, é uma coisa que eu me lembro ainda com muita satisfação porque era cômico.

Outra vez vieram anunciar lá em casa que à noite ia haver uma espécie de tourada simplória. Construíram num canto de uma rua lá - que hoje é a rua principal de São Luiz, num cantinho construíram um tablado, muito simplório, como acontece



nas touradas antigas, e depois uma lona, e eu queria ir ver a tourada. Meu pai disse: "Não é bom, eles vão machucar os touros... e alguns vão ser machucados, mas em todo caso vou passar lá com você." E eu, Azizinho, e o Seu Nacib passamos em frente da tourada e, quando eu vi aquelas pessoas gritando e as sombras no meio da lona iluminada, eu digo: "Meu pai tem razão", então nós passamos quietinhos e fomos embora para a praça da matriz.

Outro acontecimento de São Luiz - para vocês terem idéia do passado - é que em um domingo anunciaram que ia chegar no mercadão, além das coisas que vinham de todas as roças: milho, feijão, cana, legumes e farinha de mandioca, e outras coisas, ia chegar uma caixa de sorvete, uma lata de sorvete de Taubaté. Eu fiquei animadíssimo: "Então eu quero provar isso!". Mas eu gostei tanto que no outro sábado eu dizia: "Meu pai, me leva lá que eu quero experimentar!". Era uma delícia aquilo, eu nunca tinha visto aquilo geladinho. Mas nunca mais ninguém levou sorvete para lá porque não deu lucro suficiente. Eu me lembro que era um latão embrulhado em estopa para poder conservar. Então as coisas eram assim: na cozinha não existia geladeira e essas coisas todas, então as carnes gostosas de lombo de porco eram depositadas dentro da banha, ficavam dentro da banha, depois eles tiravam, limpavam e tudo. A carne é muito mais gostosa do que qualquer outra que eu já provei ao longo da minha vida. Essa é a história da gente.

Agora, eu vim para São Paulo depois que eu fiz o ginásio em Taubaté dois anos e meio, e dois anos e meio em Caçapava; porque tardiamente foi fundada também uma escola secundária em Caçapava. Eu vim para São Paulo em 1939, novembro, para poder fazer o vestibular - eu tinha 17 anos. Comecei a ler com grandes problemas, porque todos os meus colegas puderam fazer o serviço militar em Caçapava, onde tinha o famoso quartel, mas eu não tinha idade para fazer aquilo que eles chamavam naquele tempo de "companhia de quadros", uma espécie de segunda categoria do exército. Então eu cheguei em São Paulo, fui morar em uma pensão modesta na Alameda Gleite, perto de onde já tinha uma unidade da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tinha a Química, História Natural, etc.

Eu, dentro dessa vida bem modesta, com muito pouco dinheiro porque meu pai em Caçapava ele ruiu todo o orçamento familiar dele – não pôde ter o mesmo sucesso que tinha tido em São Luiz. Vendia muito fiado, como se dizia naquela época e eles não escolhiam os produtos mais importantes na oferta para a cidade,



então estavam em uma pobreza muito grande. Inclusive, tinham mudado da primeira moradia que eles tinham também em frente ao mercado. O mercado esteve na vida da família desde Beirute: o mercadão de Beirute, o mercadão de Taubaté, o mercado de São Luiz e depois o mercado de Caçapava. Eles escolhiam o ponto para fazer os seus negócios em lugares próximos dos mercados, que eram muito variados em termos de produtos, tinham até rolos de fumo, era uma coisa de uma certa época. Aliás, meu pai foi vítima do cigarro, ele gostou muito do cigarro de palha e mais tarde morreu por causa disso.

Bom, eu vim para São Paulo e aqui começa o meu contato com as bibliotecas. Na Faculdade de Filosofia existia uma sala no terceiro andar, ali da Caetano de Campos, onde existia uma biblioteca inicial da própria faculdade e as outras unidades tinham as suas bibliotecas mais especializadas: Química, História Natural, Geologia, Minerologia etc. Mas eu não tinha recursos nenhum, porque eu mal tinha dinheiro para pagar a pensão e me alimentar um pouco de lanches, porque na pensão tinha uma comidinha muito rala que era dada à gente. Um dia um colega meu disse: "E isso é comida pra homem?", de tão pequena que era, de tão modesta. E eles foram muito gentis comigo, eu entrei no serviço militar, fui me preparar para fazer o vestibular e aí começa a minha atenção para bibliotecas.

Em Caçapava eu já freqüentava isoladamente uma biblioteca de um clube da população mais burguesa e uma bibliotecazinha de uma associação esportiva que tinha lá. Mas chegando em São Paulo, para poder me preparar, eu usava a própria biblioteca da Faculdade. Eles me permitiam porque eu estava fazendo o cursinho preparatório do grêmio da própria Faculdade. E também ia à primeira biblioteca que seria o embrião da Mário de Andrade, a Biblioteca Municipal de São Paulo, situada na Sete de Abril. Ficou na história da minha vida porque eu saía da Faculdade, tinha que andar pela Sete de Abril, descia a Xavier de Toledo, entrava pelo Viaduto do Chá e ia tomar o ônibus lá na Praça da Sé.

Então eu passava todo dia pela Biblioteca Municipal existente na Rua Sete de Abril. Era modesta, as pessoas tinham apenas uma mesa grande e larga, e as cadeiras ficavam no entorno e a gente tinha que manter um silêncio muito grande, dado o número de pessoas todas em um espaço reduzido. Eu me lembro muito bem desse espaço, porque quando foi, depois de 1942, fundada a Biblioteca Mário de Andrade onde ela está hoje, na Xavier de Toledo, esquina da Avenida São Luís...



Quando foi fundada, a saída dos livros da Sete de Abril para a nova fez que o prediozinho fosse alugado para um restaurante muito modesto de russos que serviam para a gente, para os alunos da Faculdade, que ficavam próximos ali na Praça da República.

Então eu tenho essa lembrança de 64 anos atrás, o que me deixa muito feliz de eu ter podido viver e guardar na memória todas essas coisas. Quando a Biblioteca mudou-se para o prédio novo, o prédio me encantou: tinha um setor de revistas, tinha um vasto setor de consulta, mesa por mesa, e, lá no fundo, tinha um sub-setor - que eu não sei se existiu mais recentemente - que era só de enciclopédias. Eu me encantava com tudo, pedia alguns livros, ficava na mesa, estudava, mas de repente eu ia até o fundo para ver as enciclopédias. Eu me lembro que pela primeira vez na vida vi enciclopédias do exterior. Uma delas, que eu retirei da prateleira, era italiana e procurando ver a origem da "casa". Ali, pela primeira vez, eu vi uma seqüência muito lógica das coisas: a casa foi inventada para proteger os familiares, as pessoas em relação à noite; quando as pessoas tinham que dormir, tinham que perder a visão das realidades externas. Então, a casa melhora a situação das lapas e cavernas que serviram por algum tempo para as populações pré-históricas em processo de sedentarização.

E eu, que era um aluno simples, ainda estava no segundo ano da faculdade, eu me sentia, dentro da Biblioteca Mário de Andrade, como... era um presente cultural para mim e eu sentia isso. Mas as minhas lembranças da Biblioteca são multivárias: eu chegava à Biblioteca, ia para o setor de revistas e jornais. Eu não tinha dinheiro para estar comprando jornal, então lia um pouco o jornal do dia. Pedia algumas revistas geográficas que já estavam aparecendo aos poucos em São Paulo. De vez em quando passava um professor meu lá da faculdade, olhava para mim e dizia: "Você está estudando, hein! Até logo!". E isso foi muito importante na minha vida, eles me identificaram dentro da Biblioteca Mário de Andrade.

Além disso, depois de 1945 ou 1946, eu fiz uma primeira publicação em uma revistinha do grêmio e depois fiz um trabalho sério, em 1948. Depois de ter feito uma espécie de pós-graduação, que se chamava especialização – não existia a palavra "mestrado", eu só estudava as coisas na Biblioteca Municipal. Então lá em casa o pessoal achava engraçado, porque eu trabalhava o dia inteiro em várias coisas: estudando, auxiliando um pouco meus pais em várias coisas que eles tentaram fazer



para poder ter algum dinheirinho, e sábado o meu passeio era ir para a Biblioteca Municipal. Aliás, sempre que falo em biblioteca hoje, eu digo: "Olha, tem que ter um jeito de ter abertura da biblioteca nos sábados e nos domingos", por causa da lembrança que eu tenho do passado.

Então, chegando lá na Biblioteca, já nos últimos anos da década de 1940, eu encontrava as pessoas mais estranhas. Tinha um cidadão que toda vez que eu estava lá, ele era da primeira fila, com um montão de livros na mesa. Um outro era o Jamil Almansur Haddad, que era uma pessoa formada em Direito, mas doente pela cultura árabe naquela época e era um poeta que escrevia lembrando-se da vida cultural árabe; e outros mais que eu não me lembro o nome, dois deles formados em História Natural, e em Química, o outro. Eles se tornaram muito meus amigos e nós nos encontrávamos sempre ali, saíamos um pouquinho para tomar um café lá fora.

Eu sempre achava que uma coisa que precisava ter, em um canto que não interferisse dentro da Biblioteca, era um pequeno setor de café. Café para o paulistano – e a gente já se tornara paulistano – era importante. Outra coisa também que eu pude fazer nessa época era assistir as conferências no auditório principal, achava lindo aquele auditório. Um dia anunciaram que o Sérgio Milliet ia apresentar – ele era o diretor da Biblioteca – fazer uma palestra em que ele apresentaria certos fatos relacionados com a geometria das pinturas dentro de determinados quadros – negócio complicado “pra chuchu”! Em chegando lá, estava toda a intelectualidade de São Paulo dentro da Biblioteca, entre eles o Mário de Andrade, alguns pintores esquisitos. Havia um pintor que eu não quero dizer o nome, ele morava na Barão de Itapetininga e um dia resolveu vestir uma saia e saiu pelas ruas e...

AE: O Flávio de Carvalho?

AA: Não vou dizer o nome, mas inclusive ele era uma pessoa muito interessante. Mas estavam presentes ele e outros.

Muitas coisas aconteceram nessas palestras que ora eram feitas no auditório da Mário de Andrade, ora eram feitas no auditório da Escola Caetano de Campos – que era muito grande, quando vinha um grande intelectual francês era lá –, ora eram feitas nos lugares dos mais diversos de São Paulo, Associação Comercial e outros lugares mais.



Eu fui muito beneficiado pelo meu gosto de assistir palestras. Assisti do Roger Bastide, uma palestra extraordinária! Assisti a de um arquiteto famoso que era de origem portuguesa, mas que era morador dos Estados Unidos. Eu me lembro que esse arquiteto, chegando na Biblioteca, estava discutindo paisagismo e eu, muito moço, gostando da paisagem, do paisagismo... de repente, ele se levantou e disse: "No meu projeto eu não coloco árvores, porque quando eu ando em uma calçada e encontro uma árvore eu me levanto e tenho vontade de dar um pontapé nela para que ela não impeça o meu trajeto!". Eu fiquei "bobificado" com isso, mas o resultado do trabalho dele, o principal, foi essa Praça Roosevelt, ali ao lado da igreja, que era praticamente só de arquitetura, não comportando árvores. Mais tarde esse assunto me voltou à baila quando fizeram o Memorial da América Latina que também tinha muito construtivismo e não tinha árvore. Então houve algumas criticzinhas aos projetos do Niemeyer e então mandaram comprar vinte ou trinta palmeiras de um tipo especial, todas iguaizinhas, da mesma altura e fizeram uma espécie de bosque geométrico em um dos pontos do Memorial.

Todas essas coisas estão associadas na minha vida, de forma que eu estou contando isso a vocês como detalhes, mas detalhes que mostram que a gente partia do conhecimento científico e técnico para alguns setores artísticos e paisagísticos.

E eu tive a felicidade de ser muito amigo depois do Burle Marx. Não sei por que razão o Burle assistiu uma palestra minha lá no Rio de Janeiro, coisa rara. E ele de vez em quando me consultava lá do Rio para cá: "Será que estou certo em termos geográficos e de espaço para fazer isso ou aquilo?" Eu achava aquilo magnífico! Imagina o Burle Marx consultar o Aziz Ab'Saber, mocinho ainda! Tenho recordações muito grandes dele.

Não pude ter muitos contatos com o Niemeyer, foi um contato muito ligeiro lá no Instituto de Estudos Avançados na ocasião em que ele me visitou, acompanhado de uma aluna dele.

Mas a Biblioteca Mário de Andrade era para nós estudantes a oportunidade de conseguir cultura, as mais diversas, a gente não entrava apenas naquela área em que a gente estava centrado dentro da Universidade, mas diversificava o conhecimento através das ofertas de livros que lá existiam. E quando eu comecei a produzir, todo artigozinho eu ia levar para a Mário de Andrade. Eu não era professor, eu era prático de laboratório.



Durante muitos anos eu fiquei em uma posição muito desagradável dentro da Faculdade, já era bacharel, licenciado e especialista, mas não tinha lugar dentro da USP. Então um dos professores me ofereceu um lugarzinho quando um dos funcionários se aposentou, era jardineiro. Então ele me chamou e disse: "Aziz, você é vaidoso ou não?". Eu digo: "Eu não sou vaidoso" - "Você não quer ficar no lugar profissional do moço, do senhor que está saindo? É um jeito de você pôr o pé dentro da USP, porque aqui é muito difícil para se ter... os quadros são muitos rígidos". Eu digo: "Eu vou falar com a minha mãe". Fui lá, falei com a Dona Juventina, ela disse: "Como não!? Só que você tem que garantir que você continue também podendo trabalhar um pouco fora porque senão o nível de proventos que você vai ganhar não dá para a nossa sobrevivência." Eu ganhava para poder levar alimentos para a casa da minha mãe.

Na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, quando era lá perto da Estação da Luz, na rua que vai dar na Estação da Luz, eu trabalhava como professor de Geografia Humana, e todo o dinheirinho que eu ganhava era só para ir até a cooperativa e arrebatar um pacotão de coisas para levar para a minha mãe, porque a situação da família chegou a níveis deploráveis.

Então eu tinha que entrar nesse cargo, mas sob a condição de que não era escravo do cargo. O professor disse: "Mas como não!? Você vai entrar como jardineiro por algum tempo, mas você vai ser meu assistente pessoal, enquanto que os assistentes que já estão aqui há mais tempo serão professores..." – tinha um nome que os americanos gostavam muito de falar...

Quando eu começo a pensar no tempo em que todo sábado eu ia até a Biblioteca Municipal e, muitas vezes, em saindo mais cedo da Faculdade, passava por lá também, eu sinto que isso, além de cultural, foi a maneira de eu durante muitos anos não precisar comprar livros.

Devo também explicar que eu vim fazer História e Geografia. Eu gostava muito de história porque eu tive um excelente professor de História em Caçapava, o Professor Hilton Fiderich¹, que depois foi para Campinas e eu nunca mais eu soube o rumo dele. Mas eu vim por causa da História, mas era História e Geografia, só que no primeiro dia de aula o professor marcou lá no quadro da faculdade, do terceiro

¹ Transcrição fonética do nome



andar², o seguinte: “As pessoas que passaram no exame...”. -eu, que não tinha feito o Colégio Universitário - todo mundo depois do ginásio fazia dois anos dentro da faculdade para poder fazer o vestibular e eu me atrevi a fazer o vestibular apenas com o quinto ano do ginásio. E isso feriu bastante a minha vida, porque os que faziam os dois anos achavam que eu não podia ter possibilidade de entrar. Acontece que eu entrei em segundo lugar e alguns ficaram desesperados porque não passaram com a mesma nota - e embaixo da lista estava escrito assim: "Os alunos de geografia devem vir segunda-feira com vestuário para excursão de campo. Vamos trabalhar entre São Paulo, Sorocaba, Salto, Itu, Campinas e regressar a São Paulo em uma excursão rápida, mas para conhecimentos diretos dentro do próprio terreno e da paisagem". Eu fiquei muito contente, eu conhecia de Caçapava a Aparecida do Norte e de São Luiz a Aparecida do Norte, e depois uma vez ou outra o meu pai me trazia a São Paulo junto com ele quando ele vinha fazer as suas comprinhas. Então, na segunda-feira, todos nós aparecemos lá. Eu não precisava nem encontrar roupa melhor, porque as minhas roupas já eram muito ruins. Mas teve uma moça que tinha passado, e bem. Ela foi de vestido de seda e salto alto, que naquele tempo a gente chamava de salto "Luís XV". O Professor Monbeig, quando viu a moça na primeira parada disse: "A senhora vai voltar para São Paulo. Eu disse que era preciso vir para uma excursão. Desse jeito a senhora não vai fazer excursão de campo. Tem que andar um pouquinho no meio das estradinhas de terra para olhar a paisagem de pontos mais altos etc.". Então quando chegou na primeira cidade puseram a coitada da moça em um ônibus e ela foi devolvida para São Paulo. Não é preciso dizer que ela ficou tão triste que acabou desistindo do curso. Para a minha tristeza, porque eu acho que ela queria fazer o curso, mas teve esse acontecimento desagradável.

Então esse é o principal fato: eu gostei do estudo de campo. Enquanto todo mundo conversava um pouquinho no ônibus entre as paradas, eu ficava observando os morros que aconteciam desde o Pico do Jaraguá até as serrinhas perto de Itu, Salto. Eu senti que eu tinha jeito para ler a paisagem, as formas e a vegetação e o uso do espaço. Ainda que muito modestamente, eu disse: “É isso que eu quero”. Eu mudei o enfoque principal da minha vida para a Geografia.

² De 1938 a 1949 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da recém criada Universidade São Paulo estava localizada no terceiro andar da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República.



E devo dizer que continuei na Biblioteca Mário de Andrade fuçando tudo quanto fosse livro interessante. Eu cheguei a procurar a viagem de Júlio Ribeiro de São Paulo até Santos, num livro que naquela época era considerado pornográfico e que era um livro muito simples chamado *A Carne*. Dentro da Biblioteca Municipal encontrei o livro de Júlio Ribeiro, eu digo: "Agora vou ler a viagem que ele fez e mandou uma carta longa para a namorada", mas quando chegou em um assunto mais extremado, estava arrancada a página do livro do Júlio Ribeiro! Dentro da Biblioteca Mário de Andrade acontecia essas coisas.

Eu sempre que fui observando a chegada das diferentes tecnologias de reprodução de páginas, de trabalho, de artigos, eu sempre lembrava de que no passado era tão difícil fazer uma reprodução de página, de artigo ou qualquer coisa, que chegavam a rasgar uma página. Mas outra coisa também é que todos os trabalhinhos que eu fazia ainda como prático de laboratório...

Eu fiquei prático de laboratório desde que eu entrei como um pequeno funcionário. Logo perceberam que eu não podia ficar naquilo porque eu já era bacharel, licenciado e especialista - me passaram para prático de laboratório. Foi bom e ruim ao mesmo tempo porque aí eu fiquei acomodado, ganhava um pouco mais, satisfazia as necessidades da minha família e fui até ao doutorado como prático de laboratório. Quando chegou no doutorado, eu tinha medo de fazer um exame médico e não passar porque eu fiquei muito doente devido ao serviço militar no primeiro ano. Eu fui para o 6º. GADo, era Grupo de Artilharia de Dorso, tinha que pegar os canhões e botar nas cacundas dos burrinhos. Aconteceu comigo o que já tinha acontecido com o meu tio, só que nessa época eu fui mais feliz porque já tinham os primeiros remédios, sais de ouro, etc. Fiquei quatro meses encarcerado em casa, no fundo do quintal, até que um dia um colega meu, muito humano, tinha ido aos Estados Unidos e trouxe a primeira dose de penicilina e, com ela, naquele momento, eu melhorei 100%, voltei a estudar no segundo semestre do primeiro ano na Faculdade, lá na Escola Caetano de Campos, voltei a terminar o serviço militar, de forma que deu tudo certo, apesar dos problemas.

E daí por diante eu passei a desesperadamente procurar viajar. A primeira viagem foi para o sudoeste de Goiás. Eu tinha dois colegas quase que da mesma classe minha e quando chegava o carnaval eles me procuravam: "Como é, Aziz, vamos aproveitar esses dias e vamos fazer uma viagem?". Aí um dia, depois de eu



ter feito uma viagem até aqui perto de São Roque e andar a pé até Salto, no outro ano nós resolvemos... eles me induziram a ir para Aragarças no sudoeste de Goiás. Uma viagem fantástica porque eu nunca tinha saído da região dos morros, do domínio geral dos morros que a gente chama tecnicamente de domínio morfoclimático e fitogeográfico dos mares de morros. Eu nunca tinha saído daqui, de repente vamos até o cerrado, chapadões recobertos por cerrados lá dos confins de Goiás, até Aragarças. Foi uma viagem de sonho, cheia de peripécias que eu não vou contar. Com isso eu conheci o primeiro domínio diferente daquele em que eu nasci e conhecia razoavelmente. Em 1946, 1947 eu já estava mais ciente desses fatos.

Mas meu interesse maior era conhecer o Nordeste. E tive sorte porque através de colegas, os mais diversos, eu acabei indo para o Nordeste, para o sertão da Paraíba e de Pernambuco. Passei da Zona da Mata para os agrestes e cheguei no alto sertão, que é sempre uma região colinosa baixa, entre chapadas e com isso eu conheci o terceiro grande domínio. Aí então o meu maior interesse era conhecer a Amazônia. Como eu era prático de laboratório, eu não era escolhido para ir com alguém para a Amazônia. Então chegou um grande professor francês, muito arrogante, e mandaram um outro colega meu para guiá-lo nas coisas propriamente operacionais e eu não pude ir. Mais tarde, um dia, um professor da Faculdade, que morreu recentemente, o saudoso professor Ari França, ele chegou junto do pessoal da Geografia e disse: "Amanhã vai um avião para a Amazônia, é o exercício dos pilotos. É o último exercício que eles têm que fazer na vida e tem lugar para quatro pessoas. Quem quer ir?" Ninguém quis ir, então eu disse: "Vou falar com a minha mãe". Sempre era falar com a minha mãe, por causa do dinheirinho também.

Ela disse: "Como não!? Vai sim!". Arranjei um pouquinho de dinheiro e fui. Sabe como é que nós fomos? Nós fomos na carlinda, embaixo do lugar onde ficavam os pilotos, em três pessoas mais duas para trás, junto com os sargentos e os cabos. E assim nós fizemos a primeira viagem. Quando parou o avião em Salvador, os pilotos que estavam fazendo o exercício bateram demais no chão do aeroporto e queimou tudo, então eles passaram a noite inteira transferindo de um outro avião que eles encontraram lá, que estava parado, toda a parte elétrica para o nosso. E no outro dia nós tocamos para Belém e de Belém acabamos indo para Manaus, que era o término.



Quando estava sendo construído o aeroporto de Ponta... - como é o nome, meu Deus? - Ponta Pelada, se não me engano, que hoje é só aeroporto militar. E assim eu pela primeira vez conheci duas cidades da Amazônia: Belém primeiro e muito pouco, porque ficava longe do centro, e depois, Manaus.

AE: Quando foi essa viagem, professor?

AA: Acho que foi em 1952. Então tudo isso já faz mais de cinquenta anos, cada coisa que eu estou falando para você. Então, agora eu tinha conhecimento do domínio morfoclimático dos mares de morros, domínio morfoclimático dos chapadões centrais recobertos por cerrados, domínio das depressões colinosas, com caatingas de diferentes tipos e rios intermitentes sazonários e agora a Amazônia, com os grandes rios, riozinhos e iguarapés.

AE: E o senhor sempre de olho em tudo?

AA: Graças a Deus! Essa é a história que eu podia lhe contar. E vou dizer mais, em termos de pensar em bibliotecas, eu nunca me esqueci do valor do livro, hoje que se fala muito em internet, eu às vezes digo para os meus alunos: "Cuidado, internet é fragmentário! Você pega um *Google* e qualquer pessoa pode colocar coisas suas, na condição de simplórios escritores. A biblioteca é a matriz e ela vai continuar por muito e muito tempo". Alguns me dizem: "Não, a história futura do livro vai ser muito difícil porque o problema do papel, da celulose, vai ser cada vez mais vai ser menos difundido e, portanto, terá menos livros e menos revistas". É possível que aconteça isso. E então eu dizia a eles: "O problema principal é ir esquecendo um pouco dos livros e passando a freqüentar, escolher *sites* dentro da internet e outros fatos similares". Então, eu ainda fico na seguinte posição: se não houver livros para os estudantes, para os bairros mais pobres, o que será da cultura neste momento?

Eu trabalhei, junto com um animador cultural, muito complicado, mas muito inteligente, para a questão de arrebanhar livros e eu trabalhei na formação de 31 embriões de biblioteca. Com a maior dificuldade que vocês possam imaginar, porque todo mundo nos bairros quer os livros, mas não tem espaço. Quando tem um espaçozinho, colocam umas estantes velhas e trancam e não sabem utilizar a

bibliotecazinha para os alunos e para o público geral. Então não foi fácil essas 31 tarefas. Mas felizmente depois nós nos voltamos, ao invés das periferias distantes, para as zonas subcentrais de São Paulo, que foram periferias e ainda são culturalmente e arquitetonicamente muito degradadas.

Então nós levamos livros para certos setores, embaixo de viadutos e finalmente encontramos um espaço que era uma sede de uma empresa de lixo, e foi removida a função de lixeiro e passou a ser uma sede para garis. E lá tinha a sala da empresa, muito boazinha, então colocamos vinte mil livros lá. Essa biblioteca funciona bem e tem um sentido de um clube. Agora os garis não vão lá mais só para tomar um banhozinho ao longo de uma fileira enorme de chuveiros, eles ficam mais tempo, fazem reuniões lá, vão à biblioteca, gostam muito de ver livros, mais a parte de ilustrações do que os textos. É natural isso, muita gente boa ainda, no Brasil, quando pega um livro, vai ver primeiro as ilustrações, antes de sentir o texto. Eles não sabem fazer aquilo que nós aprendemos há muito tempo: primeiro lê a introdução para entender qual é a preocupação básica do conjunto do livro, depois as conclusões, e depois alguns capítulos do meio do livro, mais interessantes para cada pessoa, culturalmente falando.

Eu acho que convinha parar já.

AE: Tem algumas questões que a gente achou que seria interessante do senhor...

AA: Nessa revista aqui, era a antiga revista do Arquivo Histórico Municipal, nº. 203. Quando eu era aluno, eu freqüentava todo os números da revista. Hoje ela ficou pequenininha, mais agradável. Eles pediram para eu falar alguma coisa sobre a cidade de São Paulo, como eu cheguei em São Paulo, o que é que eu vi de diferente, quais foram as novidades, comparando com a minha São Luiz pequenininha e Caçava também e o que eu senti em relação à cidade. Há um lugar aqui, eu digo o seguinte: “minha tarefa principal era ir à Biblioteca Mário de Andrade no fim de semana e na outra semana a mesma coisa, Biblioteca Mário de Andrade.”

AE: Parece que o senhor encontrava o Florestan Fernandes?



AA: Ah, sim, foi lá que eu conheci o Florestan, ficamos muito amigos. Só que ele tinha uma cultura extraordinariamente maior que a minha. Mas eu gostava dos mesmos assuntos que ele gostava. Então nós fomos companheiros nas aulas do professor Emílio Wilems, de antropologia cultural. As aulas que eu mais gostei na minha vida foram de antropologia. Fora esse trabalho de pesquisador e conhecendo o Brasil, eu gostava muito de antropologia. E até hoje de vez em quando ingresso em trabalhos sobre pré-história. O último trabalho que eu fiz de pré-história foi visitar o cânion de Xingó, lá no Rio São Francisco, no cotovelo do Rio São Francisco: tem Paulo Afonso, Itaparica e depois Xingo - dos dois lados, aquela enorme declividade com caatingas e, lá embaixo, riosinhos pequenos que nascem nessas escarpas, nesses bordos do cânion, e eles formam, ao encontrar o rio na posição mais antiga dele – hoje ele está rebaixado um pouquinho por causa desse represamento – tem restos humanos e restos arqueológicos de sete mil anos.

AE: É um sítio lá, não é?

AA: É um sítio. Daí o pessoal de lá do Sergipe pediu para eu ir dar uma olhada na parte geomorfológica. E foi bom porque eu cheguei lá e disse: “Ah, isso aqui é uma maravilha! O sertão lá de cima não era tão interessante quanto o fundo do cânion, porque aqui era o lugar que os peixes vinham pela piracema tentar subir as “pereiras”, então era muito fácil de se fazer pesca e essa é a razão desses grupos humanos que descobriram um lugar de oferta muito fácil...”. Mas isso aí pode ficar para outro dia.

AE: Ok, professor.

AA: Tem muitas outras coisas: quem viveu 84 anos tem coisa para dizer.

AE: Tem muita coisa, ainda mais com essa vivência.